

A VISITA A PARIS DO ORPHÉON ACADEMICO

Conheceis o cascavel? E' um singelo mimo que aos babys infantis se offerta: uma nevoa de crystal contém um bago de pedra e a meiga creança tem por mais vivo encanto sacudil-a de encontro ao sopro de vidro, vibrando assim como um ruído guiso. O baby suspende-se: aquelle infantil guisallar d'on-de provirá, porque graça ou mercê? Que mundos ali se encerrarão, que mysterios, que promessas?

Assim Paris! Atravez os nossos tenros annos de esboçada mocidade, em decurso dos nossos anhelos juvenis, Paris surge como um ridente cascavel que os nossos anceios agitam. Cascavel precioso e raro, onde o tremor das nossas ambições febricitante n'uma farandola enlouquecida, avida, sofregra de libertação de entre aquella debil pellicula de crystal onde o sol tremeluzindo roja inundações de luz, cascavel precioso e raro, assim brilha Paris ante nós, preciosamente seductora...

Nunca entrevimos Paris e sempre a sonhámos deliciosa, galante na imagem das suas avenidas populadas por creaturas de uma suavidade quasi subtil, de um encanto prestigioso e dôce. Nunca antevimos, nunca perpassámos instantes em Paris, mas nos erguidos raptos da nossa phantasia inalteravelmente a delineámos como se fóra peregrina imagem e, como ante a mulher denunciámos os mysterios da sua compleição viva, ondulante, harmoniosa.

Ao descender de tanto imaginar de boa fé cremos ter aspirado uns instantes o rescender da cidade—seducção, evocamola como ao reerguer o busto adoravel da divina creatura que um dia notámos, instantes seguimos na vida e nunca mais



Antonio Joyce quartanista de direito director do Orpheon

encontrámos, nunca mais surprehenderemos, *profil perdu*, no vago expressar de Bourget... ou então declinando de tanto imaginar Paris de quem sonhámos ser um dia proximo sem até ahi a ter alcançado, sentimos a equal enervante emoção de um pastor solícito que dormira alterado, ansioso de que o desperte, eleve e guie, o eleve e conduza pela madrugada tímida, pelos plainos frescos de verdura, por entre ramas orvalhadas, pisando estas tranquillas recheadas de camarinhas d'agua, o eleve e conduza a amoravel *Stella Matutina*, a bonançosa estrella da manhã que elle sonha mas de que nunca alcançou ser proximo...

E eis agora o momento azado opportuno, utilissimo, de reconstruir carinhosamente taes enlevados, deliciosos sonhos de alcançar Paris. Multiplicando as suas tentativas e excursões intra-muros de Portuga, o Orpheon de Coimbra eis se abalança n'uma ousada excursão galgando as raias, transpondo fugaz os Pyrinéos até Paris.

Vae o Orpheon a Paris! E Vossas Ex-



Alfredo Rodrigues dos Santos, quartanista de direito e vogal da direcção do Orpheon

José de Souza Machado Fontes, quartanista de direito e secretario do Orpheon

Francisco Menano, quartanista de direito e ensalador dos segundos tenores

Medeiros Franco, quartanista de direito e ensalador dos bassos



José Sanzio Ribeiro da Cruz,
quintanista
de philosphia e ensalador
dos bassos



Sampaio Mala,
alumno da facultade
de medicina
e ensaiador dos segun-
dos tenores



Uriel Salvador, secundanista
de mathematica
e ensaiador
dos primeiros tenores

cellencias
mal pen-
sam que de
esforços,
quantiosos

afastados
lares, ou-
tros de pro-
ximas Re-
publicas, já

esforços dispendidos, empenhos, mil inter-
esses decididos, dedicações entusias-
ticas a poir, quantos desanimos surgem, to-
dos os obices, todos os rudes obstaculos
que se travessam, quantas contrariedades o
circumdam. Evolam-se canções d'entre vo-
zes centenares, crescem coraes, entoam-

tranquillos do jantar consolador. En-
tram pela egreja de S. Bento—vêem-
nos na gravura?—e contra a face das altas
paredes hoje nuas da egreja de cupula
mui alta, se despedem trauteios de Wa-
gner, Palestrina e outros que se elevam
aos c'imos e sonorizam confusos como

se hymnos, debu-
xam-se, ondulam,
sinuam *ballets* atra-
vez as vozes, e
para o ouvinte
curioso é motivo
de admirar a ma-
neira opportuna,
exacta, quasi auto-
matica como os va-
rios naipes do Or-
phéon se concer-
tam assim conscia
e perfeitamente,
mercê de creaturas
que desconhecem
musica e ignoram
por vezes o poe-
ma de que estão
syllabando alguns
trechos.

E tudo tão sin-
gelo esse final! di-
zem os incansaveis
trabalhadores do
Orphéon. Pelas
zes e meia da tar-
de se começam
congregando os
cantores, uns de

quando se afinam
os instrumentos
de uma orchestra.
Onde eram altares
hoje se reúnem as
varias cordas do
Orphéon, assim
tenores primeiros
e segundos, assim
barytonos e bai-
xos. Cada ensai-
ador os doma, ou
o Medeiros Fran-
co, ilheu apaixo-
nado, de pupilla
luminosa, que re-
cava, os sons ócos,
estertorosos dos
baixos, ou o Joy-
ce, de monoculo,
e a dextra finca-
da no queixo exi-
gindo primores
dos barytonos,
quer o Menano, o
das guitarradas
precisamente, tei-
mando, carregan-
do, recarregando
nos segundos,



Interior da antiga egreja de S. Bento, onde se realisam os ensaios do Orphéon



O Orphèon Académico em 1911



1—Um ensaio parcial à noite

sempre incredulo do saber d'estes e amenizando de vez o ensaio com uma facecia curiosa, enquanto a seu canto o sr. Ariel desbasta vozes incultas e convida primeiros tenores a erguem bem subidamente seus meaes até que os sons percutam rigidos, unidos, como agulhas d'aço a alta cupula da igreja.

Agora os grupos de cada naípe dispersam, os bicos de acetylene dependuram-se do altar-mór e sobre o estrado se acamam e disarpezem depois ordenados os orpheonistas para o ensaio geral. Tudo então são conselhos, notas, advertencias, observações do Joyce, que os rege e lhes recommenda um pleno respirar, a feição peculiar a cada auctor, um thorax bem lançado, e attenção, muita attenção.

Irritam-se pigarras, e, ao acenado, o trecho se inicia e segue ou aprazível, perfeito, amplamente enunciado ou confuso,

timorato e erroneo se o Joyce tudo suspende, pisa e repisa o egual motivo, bate e debate mil vezes um passo até que recorrendo a outro trecho pronuncia amuado muito explicadamente: Outra peça de musica...

Mas o ensaio finda, novos se repetem, tudo se apura, as imperfeições se desvanecem, as phrases se declinam nitidas, quasi syllabadas com primor, e os sons pousam com delicia similhando o Orphéon um primoroso orgão de tubos ricos e folles poderosos resoando magnificos. Eis o duro trabalho conseguido, eis a ardua tarefa resgatada pelo consolo inedito e regosijador de uma hora de egreja musica. Tudo então é ledto, impante de satisfação quasi vaidoso, o Joyce sorri gloriado e a seu hombro grão contentamento frue o Fontes, secretario da direcção, que trabalha dia e noite sempre diligente no executar, sempre preoccupado no bem ser-

regosijador de uma hora de egreja musica. Tudo então é ledto, impante de satisfação quasi vaidoso, o Joyce sorri gloriado e a seu hombro grão contentamento frue o Fontes, secretario da direcção, que trabalha dia e noite sempre diligente no executar, sempre preoccupado no bem ser-

2—A' espera da hora do ensaio





do o nosso espirito, pousaremos as nossas ambições na ancia de reavel-a tal como o obediente pastor solícito que sempre se envolve de sonhos esperançado no reerguer da estrella da manhã que quando sorriserena, amovavel, feliz luminosa, lhe prenuncia os dias mais propicios na vida.

JOÃO MARIA DE MAGALHÃES
COLLAÇO

vir por bem do Orphéon, que por todos os meios assim debate, a todos os titulos progride, a despeito de tudo triumpho glorioso e sempre rico de novos animos. Novos animos! Animos taes que o incitam a uma empreza assim de auspicioso exito na iniciativa de uma excursão a Paris, mas excursão bem vivamente portugueza, que em si enfeixe todos os grupos academicos nacionaes, que se nucleie de todos os elementos da nossa vida, que se imbuía do nosso espirito, do nosso pensar, que seja interprete de todas as nossas emoções. Excursão assim bem prenunciamos que esta seja, uma nobilissima embaixada, verdadeiros mercados vivos que as nações entre si cambiam como resumo da figuração physica e intellectiva de um povo são.



Todos o presentem, todos o desejam: assim será. Todos para tal se esforçam, todos para o equal fim collaboram diligentes: assim ha de executar-se. Vae n'es e empenho, n'esse extenuante labor de todos os dedicados ao Orphéon a melhor parte da sua intenção: a restante parcella, não minima, é o desejo absorvente de todos de alcançarem, prenderem, apoderarem, ficarem, consolidarem-se em Paris. Já lhe alongamos as avenidas, dispomos os encantos, sombreamos os apraziveis arredores, colorimos os horisontes longiquos, já lhe movimentamos n'um tumultuar alegre, n'um torvell-

nho febril as ruas, ricas valas aonde dos aromas nos ares envoltos desceram faces amovaveis de creaturas gracis. E pode Paris ser menor, menos attractiva, mais mesquinha, menos seductora do que quanto prenunciamos que, muito embora, grata imagem d'ella occultaremos, saudosos voltamos a reerguer a sua vida pullulante de imprevisito, d'ella narraremos com o encanto de que nós vencemos ao recordar um vago *Profil perdu*, ou então, parece a sua imagem regressan-



1—A entrada para o ensaio. 2—Discutindo uma hypothese
3—Os ensaiadores
(Clichés de G. Tinoco)